

Ampliação enunciativa em comentários de *webnotícia*: uma releitura de Paveau à luz dos estudos enunciativos benvenistianos

Alena Ciulla*

Suzana Leite Cortez**

Ananias Agostinho da Silva***

Rosalice Pinto****

Resumo: Partindo do que Benveniste (2005, 2006) propõe sobre o aparelho formal da enunciação, este artigo objetiva mostrar de que maneira a concepção de *ampliação enunciativa* (PAVEAU, 2017, 2021) pode ser reconsiderada. Analisando uma *webnotícia* (Instagram) sobre vacinação infantil e seus comentários, observamos que a enunciação tende a se complexificar devido às interações pluridimensionais estabelecidas no contexto digital. Assim, atestamos uma ampliação, não por uma ruptura em relação a Benveniste, mas pelo uso de recursos tecnolinguageiros, criados no ambiente digital. Estes resultam em diferentes efeitos de sentido para os textos e fazem refletir sobre os próprios limites destes.

Palavras-chave: Ampliação enunciativa. Aparelho formal da enunciação. Comentários. Textos nativos digitais.

Abstract: Starting from what Benveniste (2005, 2006) proposes about the formal apparatus of enunciation, this article aims at showing how the conception of enunciative amplification (PAVEAU, 2017, 2021) can be reconsidered. By analyzing a webnotice (Instagram) about childhood vaccination and its comments, we observe that the enunciation tends to be

* Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Letras, no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do grupo de pesquisa Protexto (CNPq/UFC). <http://orcid.org/0000-0002-0710-9397> / E-mail: alenacs@gmail.com

** Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Líder do GESTO (Grupo de Estudos do Texto/CNPq/UFPE) e membro do grupo de pesquisa Protexto (CNPq/UFC). <http://orcid.org/0000-0003-0983-0900> / E-mail: suzana.cortez@ufpe.br

*** Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos do Texto (GPELT/UFERSA) e membro do Grupo Protexto (CNPq/UFC). <http://orcid.org/0000-0001-5442-5133> / E-mail: ananias.silva@ufersa.edu.br

**** Pesquisadora do Centro de Investigação sobre Direito e Sociedade da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa e do Instituto de Filosofia da Linguagem da Universidade Nova de Lisboa. Membro do grupo de pesquisa Protexto (CNPq/UFC). <http://orcid.org/0000-0002-7638-654X> / E-mail: rosalice.pinto@fcs.unl.pt



complexified due to the multidimensional interactions established in the digital context. Thus there is an expansion of the notion of enunciation supported by Benveniste. This is due to the use of technolinguistic resources, resulting in different effects of meaning on the texts, helping us to think about the limits of the textual dimension.

Keywords: Enunciative amplification. Formal apparatus of enunciation. Comments. Digital native texts.

Résumé: A partir des études développées par Benveniste (2005, 2006) sur l'appareil formel de l'énonciation, cet article vise à montrer comment le concept d'augmentation énonciative (PAVEAU, 2017, 2021) peut être reconsidéré. En analysant des articles sur le web (Instagram) à propos de la vaccination des enfants et ses commentaires, nous observons que le rôle de l'énonciateur tend à se complexifier en raison des interactions multidimensionnelles établies. Ainsi, nous attestons que l'énonciation se complexifie par l'utilisation des ressources technolinguistiques, créées dans l'environnement numérique, entraînant des effets textuels bien différents. Cela nous fait réfléchir sur les limites de la dimension textuelle.

Mots-clés: Augmentation énonciative. Appareil formel de l'énonciation. Commentaires. Textes natifs numériques.

1 Introdução

Como assevera Paveau (2021), os gêneros nativos digitais e os discursos que deles emergem apresentam processos de discursivização específicos. Sendo configurados em ambiente digital, os textos produzidos/interpretados *on-line*, através de ferramentas tecnológicas com potencialidades diversas, trazem às Ciências da Linguagem, como trabalhadas até então, desafios teóricos e metodológicos.

Nesse âmbito, as categorias linguísticas tradicionalmente estudadas pelas abordagens textuais e discursivas merecem ser re(atualizadas) em função de um conceito de textualidade¹ mais amplo (GIERING; PINTO, 2021). De fato, os elementos languageiros (de natureza plurissemiótica) estão imbricados com os de natureza tecnológica, mas também coibidos por questões sociais, culturais, políticas e éticas. Trata-se de uma verdadeira ecologia do discurso, como salienta Paveau (2013), em que uma linguística simétrica se impõe².

¹ Sobre o conceito de texto, ver Cavalcante *et al.* (2019).

² Segundo Paveau (2021, p. 28), a expressão advém de Latour (1991). Para esse autor, os fenômenos languageiros, seguindo uma visão pós-dualista, devem estar imbricados no que é representado pelo não-languageiro ou extralinguístico.

Face à complexidade imposta por esses discursos, essa contribuição, centrada na Linguística Textual desenvolvida no Brasil, procurará pontuar de que forma questões enunciativas podem vir a ser re(pensadas) no ambiente digital à luz dos pressupostos benvenistanos. Mais especificamente, busca-se mostrar que os textos arquitetados neste ambiente utilizam-se de recursos tecnolinguageiros que contribuem para ampliar o modo de revelar *eu/tu-aqui-agora* da enunciação. Isto contribui ainda para que a noção de *enunciação ampliada* proposta por Paveau (2017) seja redimensionada, uma vez que não é o aparelho formal da enunciação que se amplia/modifica, mas os recursos mobilizados para expressar as categorias de pessoa, espaço e tempo.

De forma a atender os objetivos apontados, realizamos, primeiramente, uma retomada do aparelho formal de enunciação benvenistiano. Com isso, mostraremos que a ampliação, conforme sugerida por Paveau (2021), não se dá exatamente no quadro enunciativo, mas que a complexidade enunciativa em ambiente digital precisa ser investigada e traz conceitos que podem vir a ser atualizados à luz dessa nova realidade virtual. Após esta seção, apresentamos a metodologia aqui adotada – a qualitativa, privilegiando a análise de alguns estudos de caso, extraídos do perfil do *Instagram* do jornal *Diário de Pernambuco*. Os exemplares recolhidos, em circulação em janeiro de 2022, versam sobre a temática da *vacinação de crianças contra a COVID-19*. Em seguida, passaremos à análise dos textos e, finalmente, à apresentação das conclusões.

2 O quadro enunciativo benvenistiano

Pela reflexão de Benveniste (2005, 2006), é possível problematizar e desenvolver diversos problemas de linguagem, especialmente alguns daqueles que envolvem o funcionamento da língua. Neste artigo, nosso interesse está centrado no funcionamento enunciativo, para que possamos redimensionar o fenômeno que Paveau (2021) alcunha como *ampliação enunciativa*.

Em primeiro lugar, o que é enunciação para Benveniste (2006)? Para o autor, a enunciação é a própria colocação da língua em funcionamento, o que é realizado toda vez que um falante toma a palavra e diz alguma coisa. O fato de colocar a língua em funcionamento por um “ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82) implica pelo menos mais dois fatos importantes: institui compulsoriamente um interlocutor e instancia um tempo e um espaço, que é sempre daquele que enuncia.

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. [...]
Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro. (BENVENISTE, 2006, p. 84).

Benveniste apresenta, nesse trecho, uma explicação para o emprego da língua pelos falantes: especificamente sobre que recursos verbais são mobilizados para que, a partir da língua, os falantes produzam discurso. Vê-se, então, de que modo a enunciação se realiza, e como as categorias descritas, os índices específicos e os procedimentos acessórios têm o seu papel na construção do discurso.

Os índices específicos, que são os conhecidos, embora no Brasil, tradicionalmente não tão bem explicados, *eu/tu-aqui-agora*, são as categorias compulsoriamente instituídas por quem toma a palavra e, por remeter ao *eu* que fala, são consideradas como *índices* pelo autor. Além disso, também servem para organizar a referência a outros objetos que é realizada nos enunciados, pois é sempre em relação ao seu próprio tempo, espaço e interlocutor que o locutor instancia tudo o que diz, todos os objetos a que refere. O *eu/tu-aqui-agora* baliza, então, o ato e a situação de enunciação:

Estas condições iniciais vão reger todo o mecanismo de referência no processo de enunciação, criando uma situação muito singular [...]. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação. (BENVENISTE, 2006, p. 84).

Alargando a explicação, podemos dizer que as categorias de pessoa, espaço e tempo, conforme a proposta de Benveniste (2006), oferecem uma explicação para

aquilo que sistematicamente os falantes fazem ao enunciar, do ponto de vista do emprego da língua: um falante enuncia, o que implica marcar a própria fala. É isso que possibilita, ao mesmo tempo, que este falante implique sempre um alocutário, um *tu* a quem se dirige. Outro aspecto é que, ao enunciar, o locutor instancia também o tempo, sempre em relação a si próprio, e um local, que é o local presente de sua enunciação. E é a partir dessa organização que se distingue pessoa de não pessoa e é possível referir na linguagem: há os signos que referem as pessoas do discurso (apenas os que podem falar, que são *eu* e *tu*) e há os signos que referem todas as outras coisas (tudo aquilo de que se fala e de quem se fala). Sem esse balizamento, a interlocução – e a própria comunicação pela língua – não seriam possíveis.

A enunciação, então, institui o centro de referência interno, que introduz aquele que fala e se constitui como elemento imprescindível para a interação pela língua. Também é a condição necessária para que outro nível de elementos seja acionado, a que Benveniste (2006, p. 86) chama de “aparelho de funções”. Podemos considerar que Benveniste (2006) prepara aqui o terreno para um programa linguístico que inclui o que consideramos hoje os estudos do texto, ainda que ele próprio não tenha se ocupado dos sentidos dos textos, mas, antes, daquilo que aparelha o falante para produzir os sentidos pelos textos.

Assim, nosso intuito aqui é, primeiramente, esclarecer o funcionamento enunciativo, para, como já mencionado, entender a crítica feita por Paveau (2021) e nos aprofundarmos no fenômeno de ampliação que é apontado pela autora. E, ulteriormente, relacionar essa questão à compreensão do funcionamento do texto, especialmente o digital.

3 Texto digital nativo e enunciação: o fenômeno da ampliação

Conforme sinalizam Giering e Pinto (2021), é preciso complexificar a noção de textualidade, quando nos deparamos com o ambiente digital. O texto e a própria

linguagem se transformam com as novas formas e necessidades de comunicação. Neste trabalho, faz-se importante trazer à baila um fenômeno que surge com o advento do texto digital e que é salientado por Paveau (2017) como *escrita e enunciação ampliadas*. Os comentários de *webnotícias* em redes sociais, que analisamos aqui, é um desses novos espaços de prática linguageira do ambiente digital em que se observa uma transformação, cujas consequências Paveau (2021) sugere tratar a partir de uma visão de *enunciação ampliada*. Antes, porém, precisamos reexaminar a questão, à luz dos pressupostos enunciativos que guiam nossa abordagem, dentro da Linguística Textual, tentando compreender de que ordem é, de fato, essa ampliação sinalizada pela autora.

Para Paveau (2017), a expressão *enunciação ampliada* é baseada no conceito de Douglas Engelbart relativo à *humanidade aumentada*, em que o autor propõe pensar o computador e os ecossistemas de escrita digital como ferramentas de ampliação da capacidade humana de escrita, pois abrem novas possibilidades de expressão e comunicação. A ampliação da escrita, conforme Paveau (2017), pode ser realizada de duas maneiras. Em primeiro lugar, pela possibilidade de comentar e também de reproduzir e compartilhar os conteúdos postados (os próprios *posts*), característica de vários aplicativos de redes sociais da *web*, como o *Facebook* e o *Instagram*. Outra característica que permite falar de ampliação é o fato de que vários locutores podem produzir um texto simultaneamente, em conjunto, sem que sejam confundidos – é o caso dos sistemas de edição de documentos compartilhados.

Também do ponto de vista da leitura, o fenômeno da ampliação é verificado, pois, de acordo com Paveau (2017), especialmente nos comentários de *blogs*, de *sites* de notícia e de redes sociais, a compreensão das mensagens não depende somente do enunciado primeiro do *post*, mas integra os enunciados dos comentários, que prolongam, desenvolvem e fazem circular o tema.

Para dar conta desses aspectos enunciativos da escrita e da leitura, surgidos especialmente com o advento do texto digital, Paveau (2017) reivindica uma ampliação para o quadro da enunciação que, no seu modo de ver, é desafiado diante das mudanças que o ambiente digital propicia e provoca. Para a autora, a preocupação, nesse novo ambiente, não seria mais apenas com a figura única do enunciador nem seria suficiente

responder à questão de “quem fala”, supostamente os dois problemas tratados a partir do quadro enunciativo proposto na teoria de Benveniste.

É preciso dizer, em primeiro lugar, que esta é uma visão bastante redutora da reflexão de Benveniste sobre o assunto. Como se vê pelo breve resumo que fizemos, nem se trata de um quadro teórico que serve apenas para responder quem, quando e onde, nem de se considerar unicamente a figura do enunciador, embora essa talvez seja uma abordagem recorrente em alguns estudos que partem deste quadro. Mas, se retermos Benveniste (2005, 2006) com atenção, percebemos que, muito pelo contrário, o autor abre o campo para uma teorização que permite uma profunda reflexão sobre o funcionamento da linguagem, conforme demonstrado, por exemplo, por Ciulla (2020).

Não nos deteremos ao desenvolvimento da reflexão sobre as consequências da distinção de pessoa, por exemplo, ainda que seja um ponto crucial para compreender o quadro teórico proposto por Benveniste (2005, 2006), pois isso foge também ao escopo deste trabalho. Contudo, faz-se necessário compreender, para o problema colocado por Paveau (2017) como *enunciação ampliada*, outra distinção, que nem sempre é observada, daquilo que é da ordem da enunciação e do que é da ordem do enunciado. Assumindo, neste trabalho, a concepção benvenistiana sobre *enunciação* e *enunciado*, podemos dizer que, tendo um efeito decisivo sobre o enunciado, a enunciação é o próprio ato de dizer, é aquilo que é mobilizado para se dizer, para produzir um certo modo de dizer. Já o enunciado é o dito, e supõe, obviamente, a enunciação, sofrendo os efeitos que lhe são aí impostos. Quando tratamos dos sentidos do texto, o nosso olhar é para o dito, ou seja, é para o que é enunciado. Por outro lado, pelo fato de que um não prescinde do outro, não se pode negligenciar o ato de enunciação, que permite enunciar e é responsável por boa parte de como os sentidos se organizam no enunciado, nem a relação que se estabelece entre um e outro.

Tendo como premissas essas questões que aqui apresentamos sobre o quadro enunciativo benvenistiano, vamos, então, ao que motiva Paveau (2021) a pleitear uma ampliação da enunciação:

Num blog, uma publicação assinada por um “autor” será ampliada pelas discussões, que podem, eventualmente, a ela ser incorporadas: em última

instância, quem será o enunciador da publicação? Qual será a unidade textual a considerar para compreensão e análise? Limitar a unidade à publicação ou ao estatuto do proprietário de uma conta é um procedimento consideravelmente redutor em termos de contextualização e, portanto, de significação. De fato, os comentários produzem um efeito retrospectivo sobre as unidades primeiras e modificam, assim, as suas significações. (PAVEAU, 2021, p. 53).

Ao colocar o problema, Paveau (2021) encaminha seu questionamento para uma discussão sobre os limites do texto do *blog*, que, embora estejam aqui relacionados à questão enunciativa, não dizem respeito ao ato de enunciar e, sim, àquilo que confere unidade ao texto, ou seja, àquilo que confere unidade aos enunciados que compõem o texto do *blog*. A principal questão do trecho acima é sobre se é possível dizer que os comentários de um texto digital, feitos por diversos locutores, entram na composição do texto inicial postado. A autora diz ainda:

Se decidimos, por exemplo, reblogar uma publicação em outro site, ou integrá-la em outro espaço, ou mesmo imprimi-lo, como devemos tratar os comentários e as respostas? Englobamos a todos, exatamente como estão, ou depois de ter feito uma seleção (nesse caso, com qual critério)? Como tratar os spams e a trolagem? A questão que se coloca é, finalmente, a da unidade-texto da publicação de blog, e, correlativamente, a do valor da assinatura individual. Outras formas de ampliação são praticadas nas escritas digitais, como a realizada pelos links hipertextuais: o enunciador do texto-fonte se amplia com os dos textos-alvo que o escritor escolhe. Essas questões inéditas do off-line são diretamente postas pelas possibilidades tecnodiscursivas de ampliação das escritas digitais. (PAVEAU, 2021, p.52-53).

Neste trecho, reforça-se e orienta-se ainda mais a problemática levantada para a questão da unidade textual, pois, para a autora, a possibilidade de multiplicação de enunciadores deve ser considerada na configuração dos textos nos ambientes digitais. Observamos que Paveau (2021) tende a considerar a autoria única como um delimitador do que seja um texto. Essa é uma discussão muito pertinente, constituindo-se como uma questão crucial a ser debatida no âmbito da Linguística Textual, que é a própria definição de texto e que se vê desafiada diante do digital. Contudo, essa questão não altera a enunciação, no sentido de que o processo permanece sendo o de se apropriar dos recursos expressivos – aqui considerando os da língua e os tecnolinguageiros – e os transformar em discurso.

Uma observação que talvez se faça necessária é sobre a afirmação de que a enunciação é um “ato individual” – e talvez seja por esta expressão que Paveau (2017) tenha interpretado o enunciador único em Benveniste: isso não significa que os enunciados só possam ser produzidos por um único indivíduo empírico no mundo. Aliás, está aí um outro ponto nevrálgico da leitura da teoria enunciativa, a partir de Benveniste (2005, 2006): o enunciador, evocado pela categoria de *eu*, é uma entidade linguística, que é criada e existe pela enunciação. Se, para a interpretação do enunciado, importa identificar no mundo este sujeito que fala; para a enunciação, não. Para a enunciação, o que importa é que ela permite a cada sujeito do mundo significar pela língua, o que ele faz se apropriando de categorias linguísticas, tais como as que expressam pessoa, como *eu*, em português.

O que observamos no processo enunciativo dos textos digitais não foge à categoria de pessoa nem ao ato individual de cada falante. Há sempre um locutor que, escrevendo um texto ou usando a voz, individualmente (mesmo que simultaneamente a outros) apropria-se dos recursos de sua língua – acrescentando-se, atualmente, os recursos das mídias digitais, mas que sempre vão fundamentalmente indicar pessoa, espaço e tempo para organizar os conteúdos referidos, além de estabelecer ou contribuir para a dimensão ilocucionária e também para a dimensão argumentativa do projeto de dizer do enunciador. Assim, ainda que falem ou escrevam concomitantemente, de maneira fragmentada, em disposições diferentes, escritos ou oralizados por diferentes locutores, isso não muda o ato enunciativo em si de cada um desses locutores. O que se altera em relação ao texto pré-digital é o modo de produzir o texto, que eventualmente se compõe a partir dos enunciados desses diversos locutores.

A constituição de textos com vários autores-enunciadores que ocorre quando um enunciador se multiplica nas vozes de outros enunciadores, no caso dos prolongamentos do texto do *post* inicial, promovido pelos comentários, em um *blog* ou em um *post* do *Instagram*, por exemplo, é um efeito textual: é o texto que está em jogo, e nos faz pensar que a sua unidade é constituída pela voz dos vários enunciadores que o comentam, complementando e alterando o seu sentido. Tal efeito não altera o fato de

que, para cada *post* e para cada comentário, há um enunciador que, valendo-se das categorias de pessoa, tempo e lugar, por um ato particular, produziu um enunciado, cujas marcas de seu projeto de dizer estão aí também inseridas.

Podemos dizer, contudo, que há algo que muda também, no que diz respeito à questão enunciativa, que é o fato de que há novas formas de expressar pessoa, espaço, tempo e de construir a referência no ambiente digital e, com isso, há novas consequências para o enunciado. Do ponto de vista enunciativo, então, é o modo de se colocar pelo texto e no texto, o que muda, pois, além dos diferentes recursos para se expressar, propiciado pelo ambiente digital, cada *post* é passível de ser comentado, assim como cada comentário, numa cadeia potencialmente infinita. Os *emojis*, *hashtags*, botões para curtir, *stickers*, memes, *posts* virais e a sintagmatização desses signos, além das possibilidades de repostar, comentar, compartilhar e responder, associados aos espaços destinados às operações (de comentário, reportagem, resposta, etc.), aos menus de opção e *links* próprios para realizar essas ações, são alguns exemplos dessas novas formas de se expressar no ecossistema digital.

É plausível dizer, assim, que a rede de enunciados que a publicação inicial do *post* (seja de notícia ou de *blog*) cria, associando-se aos comentários (que podem, entre si, divergir, concordar, derivar, etc.), forma o tecido de um texto único.

A própria afirmação de Paveau (2021) de que é possível vários locutores produzirem um mesmo texto e não se confundirem é uma prova do que defendemos aqui, de que as categorias enunciativas permanecem válidas. Somente é possível que não se confundam os locutores, porque a língua disponibiliza para todos e para cada um dos falantes, a possibilidade de marcar singular e subjetivamente (ou impessoalmente) o enunciado que o contém. É o aparelho formal da enunciação, de que se apropriam os falantes de uma língua, o que permite enunciar e distinguir os sujeitos e suas falas. No ambiente digital, com as novas formas de interagir, há a implicação de uma apropriação não apenas dos recursos formais da língua e dos gêneros discursivos, mas também dos novos recursos comunicativos ou tecnolinguageiros que surgem, tanto como imposição dos aplicativos e plataformas quanto pela criação dos usuários em interação. É aqui, em nossa opinião, que se pode falar em ampliação.

As ampliações se dão, portanto, em dois aspectos: no dos limites do texto, nas situações em que passa a depender não apenas de um locutor, mas dos vários locutores que, com seus comentários e compartilhamentos, prolongam e fazem circular este texto; e nas formas que se somam ao aparelho formal da enunciação, adaptando e transformando os textos e a própria comunicação humana, no ambiente digital.

Situando o comentário, então, em relação ao fenômeno da ampliação, por nós revisitado nesta seção, podemos estabelecer a metodologia de análise, a qual compõe este trabalho, reforçando a nossa hipótese, de que a modificação operada no âmbito digital é da ordem do texto e dos modos enunciativos, e não da enunciação, conforme a base teórica aqui adotada.

4 Metodologia

Esse trabalho adota uma metodologia de pesquisa do tipo qualitativa, e orienta-se por uma abordagem descritiva, exploratória e interpretativista dos dados, focalizando alguns estudos de caso. Seu *corpus* é constituído de uma *webnotícia* publicada no perfil do *Instagram* do jornal *Diario de Pernambuco* e de comentários conversacionais do tipo discursivo e metadiscursivo, conforme Paveau (2017). Primeiramente, abordaremos a rede social *Instagram* e, posteriormente, a noção de comentário e o modo como os dados serão tratados.

4.1 *Instagram*

O *Instagram* é uma rede social digital: é social porque possibilita interações sociais e é digital porque essas interações acontecem através de tecnologias digitais de comunicação (RECUERO, 2011). Entretanto, pela abordagem ecológica (PAVEAU, 2021)

em que nos fundamentamos, o *Instagram* constitui um ecossistema do ambiente digital, no qual sujeitos (humanos) e recursos tecnológicos estão integrados de forma compósita na produção e circulação de textos e discursos, considerando sempre as possibilidades e os constrangimentos que regulam nele a interação social.

A atual interface do *Instagram* permite que os usuários construam perfis (identidades), pessoais ou profissionais, por meio dos quais conseguem acessar e interagir na rede. No perfil, o usuário pode inserir uma imagem que o representa (fotografia pessoal ou a logo de uma empresa, por exemplo), um nome de usuário (por meio do qual será identificado na rede) e informações biográficas adicionais, como localização geográfica, número de telefone, sítios eletrônicos, preferências e gostos pessoais, enfim.

A interação entre os usuários da rede se dá de duas maneiras, pelo menos: por meio da conversação tecnolinguageira, o que acontece através da ferramenta *comentar*, que permite aos usuários reagir às publicações de outrem, usando a linguagem verbal (texto verbal), visual (imagens) e tecnológica (*links*, *tecnopalavras*, *hashtags etc.*). Considerando as configurações de privacidade de cada usuário, estas podem ser vistas por todos ou enviadas especificamente para um usuário e somente por ele visualizada (mensagem direta). Esse tipo de interação acontece de forma assíncrona, e depende do instante de acesso à rede dos usuários. Além disso, a interação também pode acontecer através de recursos tecnológicos, como as ferramentas *curtir* e *compartilhar*. Esses dois gestos tecnológicos podem sugerir significados importantes na interação virtual, como a ideia de aprovação, admiração, concordância. Além disso, a própria popularidade de um perfil ou mesmo a credibilidade de uma postagem é medida pelo engajamento dos demais usuários, curtindo, comentando e compartilhando.

No *Instagram*, os usuários conseguem alcançar inúmeros propósitos: entretenimento, diversão, informação, consumo *etc.* Se, em sua origem, a rede social funcionava como uma espécie de diário visual da vida privada, atualmente, mais que isso, as postagens podem divulgar um produto, uma informação, noticiar um acontecimento ou comentá-lo, enfim. É o que acontece em perfis de jornais ou revistas, que publicam na sua própria linha do tempo notícias, reportagens, anúncios, dentre

outros gêneros, a fim de alcançar um maior número de leitores e/ou clientes. Por exemplo, a *webnotícia* que analisamos neste artigo foi publicada tanto no *site* do jornal *Diário de Pernambuco*, assim como também no perfil do *Instagram* do jornal, @diariodepernambuco. Em cada ambiente, o texto (com seus sistemas semióticos) sofre adaptações para ser modelado dentro dos constrangimentos exigidos, conforme veremos mais à frente.

É por isso que a abordagem ecológica integrativa (PAVEAU, 2017) que adotamos neste trabalho reclama um tratamento metodológico que considere os textos a serem analisados no seu ambiente nativo de produção e circulação. Assim, optamos por apresentar a *webnotícia* e os comentários sob a forma de capturas de tela³, o que garante o mínimo ecológico necessário, ainda que alguns dados tecnodiscursivos, sobretudo o da clicagem que põe a tela em movimento, sejam congelados, ou que não consigamos representar a atualidade do ambiente, que continua a sofrer modificações, através do aumento de comentários por diferentes enunciadores, por exemplo, ou, ao contrário, eles podem ser excluídos, chegando a comprometer, em alguns casos, a compreensão desses textos, já que há uma brusca quebra da sequencialidade.

4.2 Comentários

Conforme Paveau (2017), o *comentário on-line* é um texto produzido pelos internautas a partir de um primeiro texto, em espaço de escrita próprio, indicado no *Instagram* por um ícone sob a forma de balão de diálogo. Para a autora, “o comentário on-line é uma das formas de tecnodiscurso mais frequentes na web, aparecendo em numerosos espaços de escrita: os blogs, as redes sociais digitais, os sites de imprensa e de informação, os sites comerciais, etc.” (PAVEAU, 2021, p. 97). Ao considerar o *comentário on-line*, como “emblemático da web social”, a autora pleiteia em favor de

³ As capturas foram feitas neste trabalho a partir do celular.

uma abordagem tecnodiscursiva, para além das análises pré-digitais e do “estereótipo” de espaço para a violência verbal. Essa abordagem ecológica, como apontamos anteriormente, opera uma integração da dimensão tecnológica (o aparato técnico ou digital, as afordâncias das plataformas) à dimensão linguageira, por isso, os comentários são considerados por Paveau (2021, p.102) como “compósitos linguageiros”.

Assim, os aspectos tecnodiscursivos da enunciação dos comentários precisam ser considerados na análise de um texto nativo digital como o comentário do *Instagram*. Isso implica considerar que a plataforma, não sendo um mero suporte (em conformidade com Paveau (2017), afeta tanto a descrição dos aspectos formais (dizemos aqui do aparelho formal da enunciação, seguindo Benveniste (2005, 2006)) como o funcionamento dos comentários na rede. Por exemplo, o nome de usuário no perfil (pseudônimo) no *Instagram* faz com que o enunciador seja sempre identificado no fio dos comentários.

Dado o conjunto de variáveis que interferem na construção dos comentários, Paveau (2017) elabora uma tipologia de comentários digitais, dentre os quais identificamos o *comentário conversacional*. A figura 1 mostra três comentários de natureza conversacional que ampliam a *webnotícia* sobre vacinação infantil:

Figura 1: *Print* de tela do celular com comentários do *Instagram* sobre a *webnotícia*



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CYoRVTor8Mt/> Acesso em: 14 abr. 2022.

O comentário conversacional não se restringe ao contato fático por meio de gestos de curta duração que no *Facebook*, por exemplo, têm sentidos diferentes (achar legal, amar, gargalhar, chorar, espantar-se, encolerizar-se etc.). Sendo realizada em quadro conversacional, esta categoria de comentário “propõe um conteúdo” (PAVEAU, 2021, p. 108), quer dizer, conforme concebemos: coloca mais possibilidades de o sujeito instaurar-se como pessoa ao mobilizar novas formas que se acrescentam ao aparelho formal da enunciação (recursos clicáveis como #, @ e as tecnopalavras, além do uso de *emojis*, GIFs, fotos, música, etc.) e que, em conjunto com os recursos que já dispúnhamos no pré-digital (aspas, itálico, negrito; tipo, tamanho e cor da fonte; letras maiúsculas e minúsculas, etc.) se associam, se amalgamam e renovam o aparelho de formas e funções. Nesta categoria, distinguem-se: o *comentário discursivo* e o *comentário metadiscursivo*.

O *comentário discursivo* “predica o texto primeiro ao ampliar seu conteúdo, explorando as afordâncias técnicas das diferentes plataformas para produzir o acordo e o desacordo, o consenso e a polêmica, para trazer complementos e prolongamentos” (PAVEAU, 2021, p. 108). Os comentários da Figura 1 são comentários deste tipo. Já o *comentário metadiscursivo*, como o próprio nome diz, “refere-se à forma do texto primeiro ou do comentário precedente no caso de um comentário-resposta” (p. 109). São esses dois tipos de comentário que se apresentam em nossa análise.

Dentre as dezenas de comentários que a *webnotícia* recebeu (457 até o momento da pesquisa), selecionamos para a análise apenas um bloco de comentários. Chamamos de *bloco de comentário* o conjunto formado por: um comentário que reage diretamente ao conteúdo da notícia e um comentário ou sequência de comentários que responde(m) a este. O primeiro denominamos de *comentário desencadeador* e o(s) que dele decorre(m) denominamos de “*comentário-resposta*”, como chama Paveau (2001, p. 109). O termo comentário-resposta, a nosso ver, pode ser respaldado pela afirmação da autora: “No interior desse microssistema, o botão ‘responder’ gerencia materialmente, os diálogos entre os comentadores.” (PAVEAU, 2001, p. 103). A tecnopalavra “Responder” na plataforma é, então, um recurso clicável de interação, que coloca os comentários como um “lugar de relacionalidade”.

A decisão metodológica de analisar um *bloco de comentários* deve-se à alta incidência destes últimos e ao fato de que estes nem sempre reagem à notícia, pois podem ser apenas *um comentário sobre o comentário* que reage à notícia. É exatamente a ocorrência de um comentário desse tipo que possibilita a abertura de um bloco, como se fossem janelas de interação. Esse dinamismo enunciativo é uma característica das interações no *Instagram* e convoca-nos a discutir a complexificação enunciativa e a ampliação de recursos textuais que se dá na *webnotícia*.

A seleção que fizemos do bloco de comentários justifica-se pelo grande número de comentários-resposta (12 ocorrências) nesse bloco e pelo fato de os comentários-resposta apresentarem características tecnolinguageiras variadas: extensão curta e longa, uso (predominante) de *emojis*, marcação de perfil do *Instagram*, conjugação de linguagem verbal com *emojis*, etc. Nomeamos de Co, o comentário desencadeador do bloco e os comentários-resposta, de C1, C2 e assim sucessivamente até C12. Interagem nesse bloco de comentários cinco enunciadores, os quais nomeamos E1, E2, E3 E4 e E5, conforme a ordem em que aparecem no bloco.

5 Análise

Antes de analisarmos a *webnotícia* e seus comentários, é necessária uma contextualização. A notícia foi publicada no dia 12/01/2022 às 7h25 no *site* do jornal *Diario de Pernambuco* (<https://www.diariodepernambuco.com.br>) e, na mesma manhã, é postada, de forma adaptada ⁴ ao *Instagram*, no perfil do jornal (@diariodepernambuco), como se vê na figura 2:

⁴ Embora essa adaptação não seja o foco de nossa investigação, cumpre notar que esta se deve ao ambiente digital da plataforma *Instagram*, quer dizer, às “afordâncias técnicas” (PAVEAU, 2021) desta plataforma.

Figura 2: *Print* de tela do celular da *webnotícia* postada no *Instagram*



The screenshot shows an Instagram post from the account 'diariodepernambuco'. The post features a photograph of a healthcare worker in a blue uniform and mask administering a vaccine to a young boy wearing a blue face mask. The text overlay on the image reads: 'Pelo menos 324 crianças de 5 a 11 anos morreram de Covid-19 no Brasil' and 'DIARIOdePERNAMBUCO'. Below the image, there is a link to 'Acesse a COVID-19: Central de Informações para obter recursos sobre a vacina.' and a photo credit 'Foto: Andrej Ivanov/AFP'. The post includes the hashtags '#covid #pandemia' and a note 'Ver todos os 457 comentários' dated '12 de janeiro'. The Instagram interface elements like the back arrow, profile name, and interaction icons (heart, comment, share, bookmark) are visible.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CYoRVTor8Mt/> Acesso em: 6 jun. 2022.

No *Instagram*, a notícia se apresenta por um novo arranjo textual, que pode ser logo identificado pela configuração que o corpo da notícia assume na figura 2 (lado direito). Além da fusão dos parágrafos, podemos notar que a *tecnopalavra* (PAVEAU, 2021) “diariodepernambuco” (em negrito) é o primeiro elemento do corpo da notícia que, sendo clicável, possibilita ao seguidor voltar à página inicial do perfil do jornal no *Instagram*.

Esse novo arranjo da *webnotícia* no *Instagram* faz com que o gênero se adeque às *potencialidades tecnodiscursivas*⁵ da plataforma. Dentre essas potencialidades, podemos citar: i) o número limite de caracteres para a escrita do texto, o qual colabora para uma escrita contínua sem parágrafos ou (sub)tópicos, ii) o uso de *hashtags* (“#covid”, “#pandemia”) que relacionem a notícia postada a outras postagens dentro da plataforma, iii) os botões de interação que permitem: *curtir* o texto (ícone do coração), *comentar* (ícone do balão), *compartilhar* (ícone da seta apontada para a direita) a notícia com outro(s) usuário(s) do *Instagram* seja nos *stories*, seja no modo *direct* (boxe de comunicação individual da caixa de mensagens da plataforma) e *salvar* na coleção (ícone da bandeira).

Outras particularidades da *webnotícia* do *Instagram*, como um texto digital nativo, podem ser observadas. O jornal é marcado e identificado através da conta de seu perfil no *Instagram* @diariodepermanbuco (palavras escritas sem separação e com letras minúsculas). A foto é editada de modo que nela são inseridos a manchete, uma linha divisória em azul e o nome do jornal em destaque com fonte própria que remonta a sua memória e reputação⁶ na versão impressa. O crédito à foto é feito de maneira mais destacada em uma linha própria entre o corpo da notícia e as *hashtags*. Indicam-se ainda, na Figura 2, o número de comentários (457) e, na Figura 3, a seguir, o número de curtidas (5.977), que o texto recebeu até o momento em que foi acessado para este trabalho:

⁵ Sobre as adaptações que os textos sofrem em ambiente digital, indicamos o estudo de Pinto, Cortez e Farias (2021) que analisam a influência dos recursos tecnolinguageiros na composição do gênero apresentação de trabalho em evento acadêmico no *Twitter*.

⁶ Segundo dados do site, o “Diario de Pernambuco é o jornal mais antigo em circulação na América Latinana” (Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/> Acesso em: 6 jun. 2022): 196 anos.

Figura 3: Recorte de tela do computador⁷ da *webnotícia* sobre vacinação infantil



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CYoRVTor8Mt/> Acesso em: 6 jun. 2022.

Dentre os elementos constitutivos da *webnotícia*, que contribuem para contextualizá-la, indicamos ainda o tema. O texto é publicado em um momento da pandemia no Brasil, em que se vivencia nova onda de casos da COVID-19 paralelamente à epidemia de Influenza (H₃N₂). Nesse contexto, a vacinação infantil torna-se um assunto polêmico, especialmente a partir das declarações do Presidente Jair Bolsonaro, como a que fez na entrevista concedida à TV Nova Nordeste/Pernambuco⁸ (06/01/2022).

Indo de encontro a esse discurso, a *webnotícia* confronta já nas primeiras linhas as declarações do presidente (“Ao contrário do que tem reiterado o presidente Jair Bolsonaro”) e emerge como uma resposta à negação das mortes por COVID. O posicionamento do *Diario de Pernambuco* é fundamentado pelas informações oficiais dos cartórios de registro civil em território nacional, que fornecem números de morte de crianças por coronavírus, associando-os à idade e ao gênero. Tal posicionamento é evidenciado já na manchete pelo uso da locução adverbial “Pelo menos” (324 crianças morreram) para enfatizar o número mínimo de óbitos. Embora os dados consultados em si não constituam um ponto de vista, sendo marcas de intertextualidade⁹ – “os cartórios de registro civil anotaram...”, “Os dados constam do Portal de Transparência...”, “o levantamento indica”, “A entidade aponta...”, “As informações reunidas pela associação

⁷ Embora não seja alvo de estudo neste trabalho, destacamos que a depender da mídia em que a *webnotícia* é acessada (se celular ou computador, por exemplo) pode haver pequenas variações tanto no modo de dispor e organizar os recursos tecnolinguageiros, como no modo de dispor as informações e/ou compor a visualidade (tamanho da fonte, layout, etc.). Como exemplo, basta compararmos as figuras 2 e 3.

⁸ <https://web.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/2896909883954863>

⁹De acordo com Carvalho (2018), podemos considerá-las como relações de copresença por citação.

indica que”, etc. –, eles são mobilizados para respaldar o ponto de vista do jornal de que as mortes são uma realidade e de que é preciso vacinar. Essa escolha enunciativa opera o que Rabatel (2008) chama de um “efeito de objetividade” (RABATEL, 2008), haja vista o emprego do modo impessoal nas citações, comprovando as mortes de crianças e justificando, portanto, a vacinação infantil. Essa escolha enunciativa, como uma característica do gênero notícia, tem a vantagem de apresentar as informações como fatos, que são usados para defender um ponto de vista, o qual guia a orientação argumentativa da notícia, conforme Cortez (2011).

A discussão que até aqui fizemos, a fim de contextualizar a *webnotícia* pode ser articulada aos seus comentários. As mudanças que esse gênero sofre na passagem do *site* para a rede social *Instagram* e, especialmente, o tema abordado interferem no modo como os comentários eclodem e se constituem. Além disso, como parte integrante de gêneros como a *webnotícia*, de acordo com Paveau (2021), podemos dizer que os comentários colaboram para deflagrar o que no texto da notícia está implicado. Disso resulta o nosso interesse em mostrar como a discussão é encetada, do ponto de vista enunciativo e, ainda, como a *webnotícia* se alarga, pelas contribuições que são dadas nos comentários.

Ao clicar no ícone de função “comentar”, abre-se uma caixinha com o espaço para a escrita do comentário, já identificada pelo nome do perfil do usuário, ao lado de uma foto¹⁰. Salientamos que essa identificação não necessariamente corresponde ao nome do indivíduo a quem pertence o perfil, mas pode ser um apelido, uma parte do nome, uma composição com números ou qualquer outra sequência de caracteres que este indivíduo escolher registrar. A foto também não necessariamente é a do indivíduo. De qualquer modo, essa identificação é sempre única e particular. Podemos dizer, então, que a identificação do usuário é uma marca referencial do locutor, que identifica o referente de “eu” no mundo (digital), mas não é exatamente uma marca de pessoa.

¹⁰ Salientamos que, em nossa análise, foram ocultados o nome do usuário e a foto correspondente. No lugar da foto, inserimos a numeração do comentário.

5.1 Análise dos comentários

Iniciamos a análise dos comentários do bloco selecionado analisando o comentário Co, produzido por E1, e na sequência os comentários C1, C2, C3 e C4 que apontam respectivamente para os enunciadores: E2, E3, E3, E1.

Exemplo 1: Comentários Co, C1, C2, C3 e C4 - abertura do bloco



Fonte: Fonte: <https://www.instagram.com/p/CYoRVTor8Mt/> Acesso em: 14 abr. 2022.

No comentário desencadeador (Co), E1 se coloca muito claramente favorável ao posicionamento da notícia do *Diario de Pernambuco*, dizendo que espera ansiosamente para vacinar “meu amor”. Em coerência com a *webnotícia*, pode-se inferir que o seu “amor” seja seu filho/a. Essa declaração, com a marca de pessoa (em “meu” e na elipse de *estou só* “esperando para vacinar...”), acrescida do *emoji* de coração acentuam uma grande carga afetiva ao enunciado, o que só colabora para a força argumentativa de apoio ao posicionamento do jornal. A seguir, em resposta a E1, E2 reage de maneira bastante brutal: “(você) vai fazer como... que postou a foto do filho e da picadinha e na outra semana do filho morto. Aguarda mesmo”. Observamos que, além do grande investimento subjetivo, que aparece marcado nessa interlocução direta, E2 mostra-se alinhado aos discursos contra a vacina e concomitantemente, portanto, revela-se contrário ao posicionamento do *Diario de Pernambuco*.

Já no terceiro comentário (C₂), também em resposta a E₁, o enunciador E₃ se vale do *emoji* da carinha com olhos de coração, o que significa que não só apoia e se solidariza com o sentimento de carinho e proteção ao filho de E₁, o qual E₃ marca no comentário com @ (seguido do nome do usuário), como também apoia o discurso pró-vacina da *webnotícia*. Em outro comentário (C₃), E₃ se dirige a E₂, que também é identificado no texto pelo nome do perfil, questionando “Que caso foi esse?”, como quem busca mais informações para contestar o suposto argumento. E assim os comentários vão se somando uns aos outros e à *webnotícia*, de modo que a notícia se transforma em discussão.

Observamos que, por estes comentários (C₀, C₁, C₂ e C₃), fica evidente que as categorias enunciativas permanecem como os fundamentais norteadores da referência e da argumentação. Por outro lado, os recursos de comentar a *webnotícia* e/ou de responder os comentários dos outros leitores-usuários, bem como os modos de enunciar, usando a forma dialogal e o @perfil do usuário, além dos *emojis*, dão novos contornos e sentidos para o texto.

Seguindo na análise deste bloco de comentários, observamos que, no quinto comentário (C₄), é E₁ quem retoma a palavra, dirigindo-se a E₂, respondendo num tom suavizado ou ironizado por “tenha certeza, minha querida!”. Mas acrescenta, devolvendo na mesma figura de agressão e tragédia: “E quem vai postar foto de filho morto é vc por não vacinar” e ainda, para o desfecho: “Se liga bolsomínia!”, explicitando a filiação de E₂ ao discurso dos seguidores de Bolsonaro e, ao mesmo tempo, a sua, já que “bolsomínia” é um substantivo pejorativo. Novamente, aqui, são ativados os recursos de subjetividade, permitidos e possibilitados pelo aparelho formal da enunciação, cuja expressão encontra novas formas de se manifestar no comentário da *webnotícia*, no ambiente digital.

Na sequência, notamos mais três comentários: C₅, C₆ e C₇. Os comentários 5 e 6 são produzidos por E₁, mas endereçados a enunciadores distintos (respectivamente E₂ e E₃), enquanto que, no comentário 7, E₃ responde afirmativamente, concordando com E₁:

Exemplo 2: Comentários C5, C6 e C7



Fonte: Fonte: <https://www.instagram.com/p/CYoRVTor8Mt/> Acesso em: 14 abr. 2022.

No exemplo 2, mais um comentário C5 é postado em resposta a E2, em que E1 se dirige em diálogo direto a E2: “vai com tua ignorância pra bem longe de mim”, com o acréscimo da *hashtag* #forabolsonaroesuacorja, que relaciona seu comentário com outras postagens, na plataforma, para além deste quadro conversacional. Aqui, além de demarcar as pessoas dessa troca, com “(você) vai...” (E2) e “pra bem longe de mim” (E1), E1 destaca, novamente de maneira explicitada, a filiação de E2 ao discurso de Bolsonaro, de maneira pejorativa, pelo “corja”, usando o recurso da *hashtag*. Esse recurso traz a vantagem de funcionar como hiperlink para outras publicações com a mesma *hashtag*.

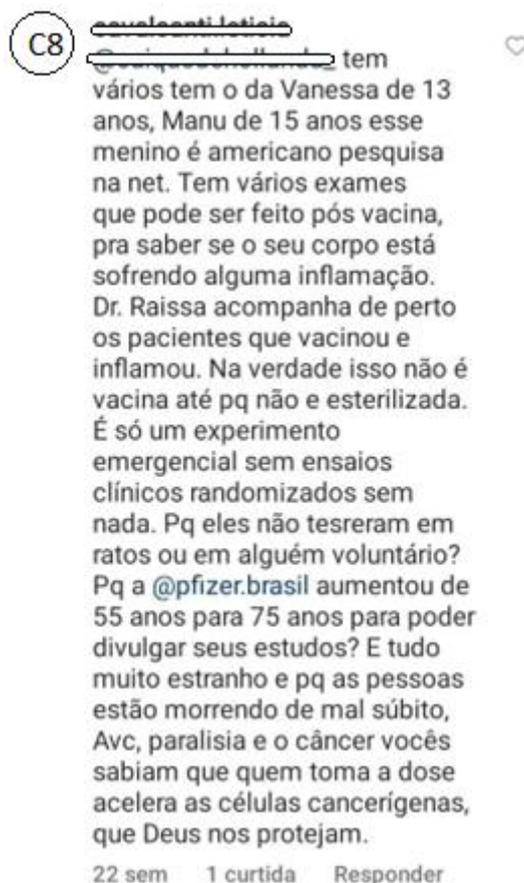
A seguir, no comentário C6, ainda E1, mas desta vez identificando E3 como interlocutor através do @, comenta: “bolsomínia que acredita em fake news” referindo-se a E2 como terceira pessoa, ou seja, de quem se fala. Desta maneira, E1 cria uma cumplicidade com E3 e traz a vantagem, ainda, de responder à pergunta “Que caso foi esse?”, de maneira indireta a E2: ora, o caso da criança que morreu por ter sido vacinada não aconteceu, mas é “fake news”. Salientamos o poderoso expediente argumentativo de que se vale E1, ao entabular um diálogo particular com E3, retirando enunciativamente E2 da conversa, pela referência como não pessoa, ciente, no entanto, de que todos, inclusive E2, poderiam ler o comentário, que continua sendo público. Este é um exemplo que ilustra de maneira bastante interessante o movimento argumentativo que conjuga as *marcas de pessoa* (BENVENISTE, 2005, 2006) com os *recursos tecnodiscursivos* do ambiente digital (PAVEAU, 2013, 2017) para qualificá-las e para marcar posicionamentos ideológicos próximos ou distantes. E, neste caso, ainda destacamos que o comentário de E1 em C6 derruba o argumento de E2, pois qualifica o fato como inventado.

E3, por sua vez, dá continuidade ao diálogo “particular” com E1 em C7 e reforça o repúdio aos seguidores de Bolsonaro: “Com certeza! Parece mais uma seita...”. Observamos que o tema da *webnotícia*, sobre a morte por COVID-19 de crianças e a vacinação preventiva para esta faixa etária, particulariza-se e encaminha-se para uma discussão ofensiva entre seguidores de Bolsonaro e os que não só não o seguem, mas também o ridicularizam. E esse embate de diferentes opiniões só é possível, em primeiro lugar, pela possibilidade de, como explica Benveniste (2006), se marcar como pessoa do seu próprio discurso. Por outro lado, os comentários, por remeterem direta ou indiretamente à *webnotícia*, fazem progredir o tema, constituindo com ele uma certa unidade textual. O texto tem, assim, vários enunciadores trabalhando em conjunto, ainda que manifestando diferentes pontos de vista. Por isso, o que lhe dá unidade temática não é o alinhamento de ideias, mas a conjunção desses vários enunciadores que orquestram seus enunciados, expressando ideias próprias a respeito dos tópicos que vão emergindo nessa *conversacionalidade*, conforme Paveau (2021).

Outra marca típica da escrita (já no pré-digital) para o distanciamento enunciativo são as aspas, que aparecem no comentário 7, de E3: “acreditam em tudo que o “mito” fala”. Ainda sobre o C6 de E1 e C7 de E3, observamos o emprego do *emoji* de carinha, chorando de rir, que expressa o tom exacerbado de riso ou de deboche de como o que foi enunciado deve ser lido.

Na sequência, o exemplo 3 apresenta o comentário de maior extensão do bloco. Pelo comentário C8, E2 firma-se como o enunciador que se coloca em posição de confronto não apenas com a *webnotícia*, mas com outros enunciadores do bloco, E1 e E3, a quem ele vem respondendo para fazer valer seu ponto de vista de que quem mata é a vacina, mas não a *COVID*:

Exemplo 3: Comentário C8



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CYoRVTor8Mt/> Acesso em: 14 abr. 2022.

Em C8, E2 responde a E3, empregando novamente o @ para identificá-lo, fingindo estrategicamente ignorar E1, que havia dito que se tratava de *fake news*. Podemos afirmar que finge ignorar E1, a princípio, pois E2 apenas lista supostos casos de mortes pela vacina, além de várias supostas evidências científicas que comprometeriam a eficácia da vacina e mais, a tornariam perigosa: “pessoas estão morrendo de mal súbito... vocês sabiam que quem toma a dose acelera as células cancerígenas, que Deus nos protejam”. Notamos que, ao se dirigir a E3 com “vocês sabiam que...”, E2 deixa escapar, no fim do comentário, de maneira enunciativamente marcada, que o interlocutor não é apenas E3, mas todos os que lerem seu comentário, principalmente E1, a quem inicialmente se dirigia E2 na sua provocação. A isso, E1 responde com um “bom dia!”, no comentário C9 (Exemplo (4), adiante) acompanhado de uma sequência de *emojis* que se repetem:

carinha chorando de rir e bonequinha com a mão no rosto, como quem diz “ai, meu Senhor”, “haja paciência”, “não entende nada”, etc.

Exemplo 4: Comentários C9 e C10



Fonte: Fonte: <https://www.instagram.com/p/CYoRVTor8Mt/> Acesso em: 14 abr. 2022.

No exemplo 4, E2 insiste, no comentário C10, através de nova réplica a E1, relatando um único caso (cuja fonte não revela) de um adolescente que “começou a passar mal” após tomar a vacina. E, através de uma suposta carta aberta da mãe do adolescente, pedindo por liberdade de escolha e maiores esclarecimentos sobre a vacina, revela o seu próprio posicionamento em relação à questão. Observamos que citar o outro, para causar um efeito de distanciamento e de veracidade e, além disso, alinhar-se a esse discurso, é um recurso enunciativo bastante recorrente. Claro que, neste caso, enfraquecido, pela vagueza dos argumentos.

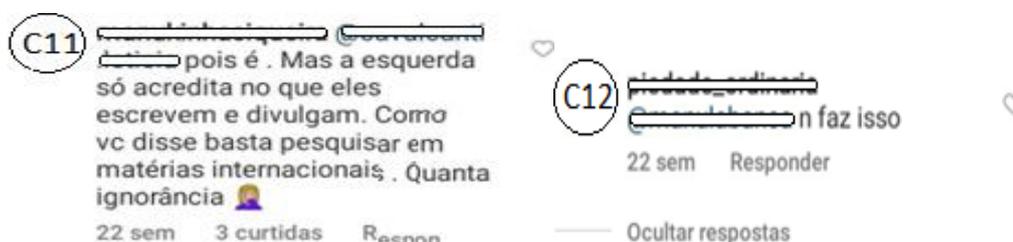
É importante notar que os recursos, como os *hashtags*, que conectam discursos na rede, ou como os arrobas, que identificam e notificam os usuários do aplicativo de um comentário a ele dirigido, ou ainda como os *emojis*, que fazem as vezes da entonação ou da emoção ligada às palavras que são ditas, não são categorias enunciativas, mas têm funções referenciais de construção de sentido.

Outro recurso importante é o da curtida, conforme podemos observar nos comentários do exemplo 4, que também indicam o engajamento dos interlocutores. Clicar o “curtir” de um comentário é uma espécie de ato enunciativo, só que em vez de

enunciar com palavras digitadas pelo falante-usuário, clica-se nesta opção e essa leitura pode ser feita. É, segundo Paveau (2021), um enunciado de gesto, uma espécie de comentário não linguageiro, mas que produz um discurso implícito. Há, nesse recurso, ainda que implicitamente, uma marca enunciativa, já que, ao curtir, é como se o locutor afirmasse “eu gostei”.

No exemplo 5, comentários C₁₁ e C₁₂, surgem novos enunciadores E₄ e E₅, respectivamente:

Exemplo 5: Comentários C₁₁ e C₁₂ - fechamento do bloco



Fonte: Fonte: <https://www.instagram.com/p/CYoRVTor8Mt/> Acesso em: 14 abr. 2022.

Em C₁₁, E₄ concorda com E₂ e o demonstra, referindo o perfil de E₂ e dizendo: “pois é. Mas a esquerda só acredita no que eles escrevem e divulgam. Como vc disse basta pesquisar...” e encerra com um bonequinho com a mão no rosto, para ilustrar o gesto que poderia acompanhar o enunciado “Quanta ignorância”. Notamos aqui novamente o recurso da troca particular, mas que é pública, em que os enunciadores se valem das oposições “eu-tu/ele” em concomitância com os espaços para publicação e identificadores de referentes e emoções próprios dos comentários do Instagram. Vale lembrar que, numa interação face a face, alguns desses recursos já estavam disponíveis, como os movimentos e gestos corporais (de dirigir o olhar a quem se fala, por exemplo) ou o de fazer entonações e gestos de ironia, surpresa, carinho, *etc.* Outros são criações próprias do ambiente digital, como os *hashtags* e os botões de curtir – ainda que tenhamos o gesto de positivo com o dedo, que é próximo ao de curtir, mas que não é específico e localizado, como o dos botões. Além disso, tanto as *hashtags* quanto os botões têm uma função textual, pois, como observado acima, passam a ser um elemento significativo no todo da interação.

Por fim, neste bloco, no comentário C12, E5 convoca E1, dialogando com o conteúdo do primeiro comentário de E1, em que E1 diz que vai vacinar seu filho. Ao usar o imperativo, E5 dá uma espécie de conselho a E1: “n faz isso”. Com este curto comentário, pode-se dizer que, de certo modo, E5 alinha-se a E2 e E4, pois se mostra desfavorável à vacinação de crianças.

Enfatizamos que todas essas trocas, que constituem uma interação polêmica (AMOSSY, 2017), cujo ponto de partida é a *webnotícia* do jornal, se fundamentam pela possibilidade de que os enunciadores dos comentários possam se marcar e marcar o outro (como pessoa ou como não pessoa) na discussão. Além disso, o jogo enunciativo entre *eu-tu /ele* possibilita explorar diversos tópicos (lembrando que “ele” refere não apenas a quem de que se fala, mas do que se fala) e diferentes alinhamentos ideológicos. Também vimos que muitos elementos, próprios do aplicativo da postagem, como *emojis*, curtidas, *hashtags* e arrobas, contribuem para a dimensão referencial e argumentativa dos comentários. Esses elementos ajudam a complexificar os jogos enunciativos.

Outro ponto a destacar é que se confirma, nos exemplos analisados, a ideia de que o texto da *webnotícia* se alarga, no *Instagram*, pela publicação de comentários a ele relacionados. A notícia de dados sobre mortes de crianças por COVID-19, que refuta a declaração de Bolsonaro sobre a invalidade da vacinação de crianças é pormenorizada, aspectualizada e discutida nos comentários, que acabam compondo a tessitura do todo da unidade textual.

6 Considerações finais

Neste trabalho, trouxemos uma breve resenha do quadro teórico enunciativo de Benveniste (2005, 2006) para compreender a crítica feita por Paveau (2017) e, ao mesmo tempo, investigamos a natureza do fenômeno de ampliação observado pela autora, tanto no que diz respeito às formas tecnolinguageiras de expressar pessoa, espaço e tempo utilizados, quanto aos limites do texto, propriamente dito.

Pelo que foi depreendido a partir das análises realizadas dos comentários acerca da *webnotícia* do *Diario de Pernambuco* postada no *Instagram*, os comentários não promovem uma mudança nos fundamentos benvenistianos sobre os processos enunciativos. O que pode vir a ser considerado, de fato, é uma complexificação da enunciação, pelos diferentes recursos e modos de enunciar, de que dispõem os usuários no ambiente digital. Lembremos que este dispõe de potencialidades próprias ou afordâncias, nesse ecossistema, que propicia aos agentes enunciadorees estabelecer referências e relações, incluindo as de pessoa, tempo e espaço mais complexas. Dessa forma, o(s) sujeito(s) (enunciadores) terão à sua disposição uma variedade de recursos linguísticos e tecnolinguageiros para atingir o seu propósito comunicativo.

Ainda, procuramos mostrar que o termo *ampliação*, utilizado por Paveau (2017), pode também vir a ser pensado sob um outro viés. Por exemplo, no que tange aos limites do texto, considerando que os comentários conversacionais (discursivos e metadiscursivos) com suas especificidades descritivas se somam, se fundem ao *post* inicial da notícia, complexificando-o. Essa ampliação passa, assim, forçosamente por um enriquecimento do processo enunciativo desencadeado no ecossistema digital.

Com esse trabalho, evidenciamos, assim, a relevância do aparelho formal da enunciação benvenistiano para a análise de textos digitais, com o acréscimo de categorias analíticas, especialmente as que dizem respeito ao funcionamento dos textos, por conta dos novos recursos e, concomitantemente, dos constrangimentos impostos pelo ecossistema em que circulam. Com isso, podemos asseverar que a ampliação realizada nos textos digitais nativos diz respeito ao efeito de sentido dos enunciados, à constituição dos textos e à maneira de os falantes se comunicarem pela linguagem, mas não à enunciação em si.

Evidentemente, o aprofundamento dos estudos propiciará um terreno fértil para uma construção argumentativa “ampliada” que pode vir a ser atestada em textos digitais. Este, contudo, será um outro trabalho ainda por vir.

Referências

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo: Contexto, 2017.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de M.G. Novak e M.L. Neri. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução de E. Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 2006.

CARVALHO, A. P. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 135f. Tese (Doutorado EM Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para a análise. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v.13, n. 25, p.25-39, 2019.

CIULLA, A. A distinção de pessoa e alguns aspectos da contribuição de Benveniste para o estudo da enunciação. *In*: LIMA, A. H. V.; SOARES, M. E.; CAVALCANTE, S. A. S. (orgs.). **Linguística Geral** - os conceitos que todos precisam conhecer. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p.151-173.

CORTEZ, S. L. **A construção textual-discursiva do ponto de vista: vozes, referenciação e formas nominais**. 249f. 2011. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Campinas, Campinas, 2011.

GIERING, M. E.; PINTO, R. O discurso nativo digital e a noção de textualidade: novos desafios para a Linguística Textual. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 15, n. 31, p. 30-47, 2021.

PAVEAU, M-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.

PAVEAU, M-A. **L'analyse du discours numérique**. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017.

PAVEAU, M-A. Tecnodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique, **Culture, identity and digital writing, Epistémè**, Revue internationale de sciences humaines et sociales appliquées Seul, v. 9, p. 139-176, 2013.

PINTO, R.; CORTEZ, S. L.; FARIAS, J. M. S. de. O gênero apresentação de trabalho em eventos científicos do offline ao digital: que implicações textuais-discursivas possíveis?. **Calidoscópio**, v. 19, n. 3, p. 409-421, 2021.

RABATEL, A. *Homo narrans*. Pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit. Tome 1. Les points de vue et la logique de la narration. Limoges: Editions Lambert-Lucas, 2008.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Recebido em 06/10/2022.

Aprovado em 28/11/2022.